



**Título: ESTUDO DA INFLUÊNCIA CULTURAL DOS FRANCESES NA
FORMAÇÃO ETNOGRÁFICA DO RIO GRANDE DO SUL**

Autores: FURTADO, Ires de Oliveira¹- ires_olifur@yahoo.com.br

DIAS, Leci Lüdke¹

VIEIRA, Rosana da Silva¹

GARCIA, Marcelo Tavares²

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

Introdução

O presente trabalho tem por finalidade contextualizar a chegada dos imigrantes franceses o Rio Grande do Sul. Os movimentos revolucionários na França no final do século XVIII, sobretudo a Revolução Francesa, fizeram com que alguns grupos de franceses se espalhassem pelo mundo em busca de melhores condições de vida. Desses, alguns se instalaram em terras rio-grandenses a partir de 1870.

Metodologia

Neste trabalho, foram realizados vários trabalhos de pesquisa, em material impresso na Biblioteca de Ciências Humanas. Além disso, foram executadas pesquisas em antigas edições dos jornais Zero Hora e Diário Popular (Impressas e virtuais), bem como de material cedido por colegas do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia (LEPAARQ) e Laboratório de Estudos Agrários e Ambientais (LEAA), ambos pertencentes a Universidade Federal de Pelotas. Também, foi efetuado levantamento bibliográfico referente à temática em estudo em várias bibliotecas, como a Biblioteca Pública de Pelotas que, assim como as outras contribuiu de forma considerável na elaboração deste trabalho.

Resultados e discussão

Em 1870, por iniciativa do governo do Rio Grande do Sul, três colônias francesas foram criadas: Colônia de São Feliciano, atual Dom Feliciano; Colônia Dona Isabel, atual Bento Gonçalves; e a Colônia de Conde d'Eu, hoje Garibaldi. Essas colônias, com o passar do tempo, começaram a serem ocupadas por imigrantes de outras nacionalidades. Com isso, os franceses de São Feliciano, para não perderem sua identidade cultural, decidiram migrar para outra região e formar uma nova colônia por iniciativa privada e viram em Pelotas as condições favoráveis a isso, fundando assim, em 1880, por João Antônio Pinheiro, a Colônia de Santo Antônio, à 65km em linha reta de São Feliciano. Mas, além disso, outros fatores motivaram a saída dos franceses de São Feliciano em direção a Serra dos Tapes, no município de Pelotas,

dentre eles estão a busca de uma melhor educação para seus filhos, o maior acesso a vias de comunicação, como as pontes, e a busca de um mercado forte onde pudessem realizar sua produção e ganhar dinheiro: o grande objetivo dos colonos da época.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia

² Professor Adjunto do Departamento de Geografia

A Colônia de Santo Antônio se dividiu em três seções, sendo que duas eram de franceses e uma de alemães, e dependeu por um longo período basicamente da fruticultura, cultivando laranja, pêssego, pêras, uva maçãs e marmelo. A partir da década de 1920, produtos como batata e milho passaram a ser cultivados na colônia. Nos anos 30, o cultivo de pêssego e uva ganhou lugar de destaque devido a crescente produção do vinho. O comércio de frutas, legumes e hortaliças cresceu na década de 1940 – 50, mas a produção de alfafa, que fora o primeiro produto comercializado pelos colonizadores franceses, e de uva, ainda possuíam lugar de destaque no crescimento econômico da colônia de Santo Antônio.

Essa colônia francesa situada no 7º Distrito do Município de Pelotas se difere das demais colônias do Rio Grande do Sul pelo surgimento de uma pequena burguesia colonial formada pelas famílias mais ricas donas das vinícolas graças ao forte comércio de vinho.

Essa burguesia implantou certo capitalismo herdado da França na colônia de Santo Antônio e passaram a comprar grandes lotes de terra, mas não investiram no aprimoramento de novas tecnologias de cultivo da uva, o que provocou a queda do comércio de vinho pelos franceses.

Na década de 1970, as pequenas fábricas rurais se fecham dando lugar às agroindústrias de Pelotas. Os moradores da Colônia cultivam os produtos que serviriam de matéria – prima da indústria, dentre esses produtos estão o tomate, o aspargo, a ervilha, morango e pêssego. Este último produto ganhou lugar de destaque na produção doceira pelotense, em 1870 já se produziam as compotas e pessegadas que eram produzidas e enlatadas manualmente, em 1940 seguiu a produção de compotas de pêssego, figo e também pessegadas. Em 1950 fundou-se, no 7º Distrito de Pelotas a Crochemore Doces, que ainda hoje produz pêssegos em calda e pessegadas. Atualmente, quatro mil hectares de pêssegos são cultivados no município de Pelotas, divididos por cerca de dois mil produtores. As pêssegas e os pêssegos em calda são famosos nas feiras da Região Sul do Brasil.

Os colonizadores franceses deixaram um legado cultural muito significativo na formação da identidade cultural do Rio Grande do Sul, renovando o comportamento das elites e influenciando na gastronomia, no vestuário e nas artes em geral.

Foram os franceses, em 1928, que contribuíram para a criação do primeiro jornal gaúcho, o Diário de Porto Alegre (Figura 1), que tinha como impressor o francês Cláudio Dubreuil e como tipógrafo, o também francês Estivallet. Os imigrantes franceses, além da imprensa, deixaram muitas outras marcas sobre a capital gaúcha, como as placas nominativas das ruas e a numeração dos primeiros prédios, porém, o empreendimento francês de maior destaque na cidade de Porto Alegre foi a construção da Usina do Gasômetro (Figura 2), entre 1869 e 1873. Após isso, partiram para a construção das ferrovias do Rio Grande do Sul.

No caso da cidade de Pelotas, os franceses deixaram uma grande herança tanto na cultura como nos aspectos arquitetônicos da cidade. Nos fins do século XVIII, pela riqueza da cidade devido as charqueadas, a cidade de Pelotas possuía uma elite civilizada que dava importância à educação e às boas maneiras e que

buscava a modernização, assim como a cultura e o refinamento das grandes cidades européias. Tal fato nos deixou como herança os grandes casarões em estilos neoclássicos, os aspectos da urbanização, como as ruas amplas e avenidas arborizadas, as confeitarias, e a arte e educação em geral. A própria escola Eliseu Maciel (Figura 3) foi construída por franceses, que também elaboraram o projeto de saneamento de Pelotas, além de trazer energia elétrica para a cidade. Devido esses fatos, a cidade de Pelotas é hoje considerada um pólo cultural e patrimonial do Rio Grande do Sul. Também a Torre do Mercado Público (Figura 4), construído entre 1911 – 14, que imita a famosa Torre Eiffel, de Paris.

Dentre os patrimônios históricos pelotenses de origem francesa, estão os chafarizes Fonte das Nereidas (Figura 5), localizado na Praça Coronel Pedro Osório, inaugurado no dia 25 de junho de 1873; o das Três Meninas (Figura 6), instalado a princípio na Praça Domingos Rodrigues, na Zona do Porto, em 1874, e atualmente, no Calçadão da cidade; e o Chafariz dos Cupidos, inaugurado em 1875 na Praça Cypriano Barcellos. Os chafarizes foram trazidos a Pelotas com a finalidade de abastecer a cidade de água potável.

Atualmente, no 7º Distrito de Pelotas, na Colônia Santo Antônio, encontra-se o Museu da Colonização Francesa (Figura 7), implantando pelo Instituto de Memória e Patrimônio, conveniado ao Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia do Instituto de Ciências Humanas - UFPEL, sob coordenação do Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira, tendo por objetivo a preservação da cultura e influências francesas em Pelotas.

Conclusões

A colonização francesa no Rio Grande do Sul, apesar de não ter influenciado fortemente a política e economia, ajudou a construir a identidade cultural do estado, uma vez que a França não influenciou apenas em nossa sociedade pelas modas femininas e seus perfumes, mas também por suas idéias, suas doutrinas políticas, seus poetas, seus livros, além do extraordinário e universal prestígio de sua Revolução (1789/1799). Não podemos negar que, embora no final da Primeira Guerra Mundial a economia francesa tenha entrado em declínio, sua representação como centro cosmopolita permanecia no imaginário de muitos, através do modo de vestir, falar, dos hábitos culturais e pelos traços arquitetônicos que tiveram participação decisiva na edificação urbana através da instalação de energia elétrica e melhoramentos ao acesso à água para consumo doméstico, como também no perfil do povo rio-grandense. A zona rural de Pelotas apresenta alguns traços oriundos da imigração francesa, o que nos proporcionaram maior apreensão de fatos e dados tornando a pesquisa mais regionalizada devido às fontes de cultura colonial francesa serem mais expressivas.

Por fim, pode-se perceber, através da pesquisa, que a vinda dos colonos franceses para o Rio Grande do Sul modificou consideravelmente o modo de vida dos habitantes do sul do Brasil, uma vez que tal fato pode ser facilmente percebido nos dias atuais através do patrimônio histórico, arquitetônico e cultural do povo rio-grandense.

Referências

GRANDO, Marinês Zandavalli. **Pequena agricultura em crise: o caso da Colônia Francesa no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, 1989.

BETEMPS, Leandro Ramos. **Os franceses e seus descendentes na Colônia Santo Antônio e no meio urbano de Pelotas: uma introdução**. 1997. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

Enciclopédia Riograndense: Regional. vol. 5, Canoas: La Salle, 1956. (p. 174 – 205).

HERRERA, Sílvia. Variedades: Pessegada, a arma secreta dos farrapos. Disponível em:
< http://www.diariopopular.com.br/16_02_03/var0502.html > Acesso em: 01 maio 2008.

BETEMPS, Leandro Ramos. Disponível em:
< http://www.diariopopular.com.br/14_07_07/artigo.html > Acesso em 01 maio 2008.

PETER, Glenda Dimuro. Influência francesa no patrimônio cultural e na construção da identidade brasileira: o caso de Pelotas. Disponível em:
< <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp429.asp> > Acesso em 12 jun. 2008.